



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

ROSICLEIDE MARIA DA SILVA

**OS SENTIDOS DADOS PELOS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
DESAFIO DE SUA FORMAÇÃO FRENTE AO ALUNO COM DEFICIÊNCIA**

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

ROSICLEIDE MARIA DA SILVA

**OS SENTIDOS DADOS PELOS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
DESAFIO DE SUA FORMAÇÃO FRENTE AO ALUNO COM DEFICIÊNCIA**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Maria Zélia de Santana

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2018

Fonte
Sistema de Bibliotecas da UFPE. Biblioteca Setorial do CAV.
Bibliotecária Jaciane Freire Santana, CRB-4/2018

S586s Silva, Rosicleide Maria da
Os sentidos dados pelos estudantes de educação física no desafio de sua formação frente ao aluno com deficiência / Rosicleide Maria da Silva. - Vitória de Santo Antão, 2018.
32 folhas.; tab.

Orientadora: Maria Zélia de Santana.
TCC (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal de Pernambuco, CAV, Licenciatura em Educação Física, 2018.
Inclui referências.

1. Educação física - formação profissional. 2. Educação inclusiva. I. Santana, Maria Zélia de (Orientadora). II. Título.

796.087 CDD (23.ed)

BIBCAV/UFPE-052/2018

ROSICLEIDE MARIA DA SILVA

**OS SENTIDOS DADOS PELOS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
DESAFIO DE SUA FORMAÇÃO FRENTE AO ALUNO COM DEFICIÊNCIA**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Maria Zélia de Santana

Aprovado em: 05/07/2018

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Maria Zélia de Santana (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Thiago Rodrigo Fernandes da Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Fernanda Maria Agostinho de Araújo (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades. A minha orientadora a Prof. Dr. Maria Zélia de Santana, que sempre buscou colaborar na construção do meu conhecimento sobre o tema abordado neste trabalho, tendo paciência comigo, disponibilizando do seu corrido tempo para me orientar. Não poderia deixar de agradecer a pessoa mais importante da minha vida, a minha mãe, que mesmo estando distante, cuidou de mim, soube me acalmar nos momentos de estresses. Agradeço ao meu namorado e amigas que tiveram papel importante na construção do meu trabalho, me dando suporte psicológico principalmente.

RESUMO

O presente estudo aborda os sentidos dados pelos estudantes de Licenciatura em Educação Física do Centro Acadêmico de Vitória no desafio de sua formação, frente ao aluno com deficiência, compreendendo assim as dificuldades e os desafios que esse futuro profissional terá em sua prática docente, frente ao aluno com deficiência. No intuito de atingir o objetivo proposto, utilizou-se de um procedimento metodológico com a aplicação de um questionário aplicado aos estudantes concluintes da para buscar compreender de modo a formação inicial instrumentaliza o futuro professor para atuar em sala de aula inclusiva, frente ao aluno com deficiência. O questionário contendo dez perguntas foi aplicado a doze estudantes concluintes do curso onde responderam sete perguntas referentes ao tema externando alguns desafios e dificuldades já identificadas em sua formação inicial, frente ao aluno com deficiência em sala de aula inclusiva. Observou-se que durante a formação inicial, apenas duas disciplinas obrigatórias (Libras e Educação Física Escolar para Deficientes) foram incorporadas ao curso, caracterizando uma lacuna em relação a prática docente voltada a inclusão de alunos com deficiência.

Palavras-chave: Educação Física. Educação Inclusiva. Aluno com deficiência.

ABSTRACT

This study addresses the senses given by students of Physical Education Degree of the Academic Center of Vitória in the challenge of their formation, facing the disabled student, thus understanding the difficulties and challenges that this future professional will have in their teaching practice, students with disabilities. In order to achieve the proposed objective, a methodological procedure was used with the application of a questionnaire applied to the students to complete the initial formation, to equip the future teacher to act in an inclusive classroom, in front of the student with deficiency. The questionnaire containing ten questions was applied to twelve final students of the course where they answered seven questions related to the topic, outlining some challenges and difficulties already identified in their initial formation, in front of the student with disabilities in an inclusive classroom. It was observed that during the initial training, only two compulsory subjects (Pounds and Physical Education for the Disabled) were incorporated into the course, characterizing a gap in relation to the teaching practice aimed at the inclusion of students with disabilities.

Keywords: Physical Education. Inclusive education. Students with Disabilities.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 JUSTIFICATIVA	9
3 PROBLEMÁTICA	10
4 HIPÓTESES.....	11
5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
5.1 Educação Física: Cultura corporal de Movimento	12
5.2. Educação Inclusiva Escolar	14
5.3. Os desafios do Professor de Educação física na formação acadêmica frente ao Processo de inclusão	16
5.4 Barreiras pedagógicas	20
6 OBJETIVOS	21
6.1 Objetivo geral	21
6.1 Objetivos específicos	21
7 METODOLOGIA.....	22
7.1 Público alvo.....	22
7. 2 Universo da pesquisa : O Centro Acadêmico de Vitória	22
7.3 Aplicações dos questionários.....	23
7.4 Análises de resultado	23
7.5 Questionário aplicado	23
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Com a percepção de que a sociedade está mudando, em função de novos paradigmas que incorporam princípios e valores de inclusão social envolvendo, entre outras minorias, as pessoas com deficiência, exige mudanças do ponto de vista educacional. Nesse caso, emerge mudança no campo da educação física, necessária para uma nova concepção de formação e de prática pedagógica. A de se levar em consideração que os princípios que norteiam a prática docente do professor de educação física se fundamentam na perspectiva da diversidade humana, quando “busca-se legitimar as diversas possibilidades de aprendizagem que se estabelecem com a consideração das dimensões afetivas, cognitivas, motoras e socioculturais dos alunos” (BRASIL, 1998, p. 19).

Na mesma esteira, o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, vem reforçar a necessidade de uma reformulação na prática do licenciando em Educação Física quando este “deverá assegurar uma formação generalista, humanista e crítica, qualificadora da intervenção acadêmico-profissional, fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética” (BRASIL, 2004, p.1).

Neste caso, caberão as instituições de educação superior, “na organização curricular do curso de graduação em Educação Física, articular as unidades de conhecimento de formação específica e ampliada, definindo as respectivas denominações” (BRASIL, 2004, p.3) para garantir o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias a uma prática docente inclusiva.

Do ponto de vista de Pellegrini (1988, p. 250), a formação do profissional de educação física tem um papel fundamental para o desenvolvimento do processo de aprendizagem de seus alunos. Ainda segundo autor, às universidades tem a “função de criar recursos humanos para o desenvolvimento das atividades profissionais”, durante o processo de formação inicial do modo a atender todos os alunos. Assim, devemos reconhecer que a formação do licenciando em Educação Física na perspectiva da inclusão, tem como objetivo auxiliar no desenvolvimento do indivíduo como um todo, trabalhando seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais nos levando a considerar que a educação física, nesse caso, se mostra com um papel fundamental com foco na prática social inclusiva e não exclusivamente para o

aspecto educacional. Para alcançar essa função é interessante que as diferenças existentes entre os alunos sejam consideradas sem que sejam evidenciadas nas suas desigualdades, as diferenças existem e não devem ser negadas e sim compreendidas e respeitadas, considerando que cada indivíduo é diferente.

Segundo Mendes (2004), uma política de formação de professores é um dos pilares para a construção da inclusão escolar, pois a mudança requer um potencial instalado, em termos de recursos humanos, em condições de trabalho para que possa ser posta em prática.

Reconhecendo a amplitude da formação inicial do licenciando de Educação Física, o presente trabalho vem abordar os sentidos dados pelos estudantes de Educação Física no desafio de sua formação frente ao aluno com deficiência. Para isto, temos como objetivos Identificar qual é a concepção de educação inclusiva dos estudantes do curso de educação física do CAV, identificar estratégias pedagógicas pensadas pelos discentes de educação física para atuar frente aos alunos com deficiência.

Foi utilizada a aplicação de um questionário à turma concluinte do período de 2018.1 do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFPE CAV, onde o mesmo continha perguntas relacionadas diretamente a sua formação acadêmica, e os sentidos que as cadeiras frente a inclusão trouxeram para a sua formação, onde, as respostas em sua maioria foram vagas, deixando mais que claro as dificuldades que esse aluno ainda carrega mesmo tendo passado por cadeiras nas quais abordavam diretamente o tema inclusão. Não que os profissionais responsáveis pela apresentação das cadeiras fossem ineficientes em ministrar as aulas, mas nota-se uma falta de interesse do próprio aluno em querer se envolver com o tema, fora que a demanda de cadeiras relacionadas ao tema ainda é muito pouca.

2 JUSTIFICATIVA

É de muita importância que os alunos e futuros professores de Educação física identifiquem os sentidos que as cadeiras que abordam o tema “inclusão escolar para deficientes” trouxeram para a sua formação o quanto de positividade ou não foram atribuídas, a importância de se estudar esse tema, já que a cultura corporal do movimento é algo tão relevante, real nessa profissão. É de muita importância que o aluno concluinte saiba o real significado do que é incluir o aluno com deficiência tanto na teoria como na prática, logo, o lugar mais propício para iniciar esse reconhecimento é sem dúvidas a universidade, tendo em vista, que o fato que o processo de “inclusão” está, cada vez mais, ganhando destaque e se tornando uma realidade nas escolas, onde todos os profissionais da educação devem estar prontos para receberem alunos com deficiência e saberem trabalhar com eles e os demais alunos de maneira inclusiva.

É importante que haja essa preparação dos futuros professores de Educação Física, pois como lembra Gorgatti (2005), a Resolução nº 02 de 10 de setembro de 2001 do Conselho Nacional de Educação determina que os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo as escolas organizar-se para atender educandos com necessidades especiais, dando condições de acesso para todos.

Uma política de formação de professores é um dos pilares para a construção da inclusão escolar, pois a mudança requer um potencial instalado, em termos de recursos humanos, em condições de trabalho para que possa ser posta em prática. (MENDES, 2004, p. 227).

Vale ressaltar que o tema inclusão é muito amplo, e abrange uma série de fatores que são indispensáveis para seu êxito, e concordando com isso, Carmo (2002) afirma que o maior desafio na formação dos professores é conciliar os princípios da disciplina específica com os princípios da inclusão escolar.

3 PROBLEMÁTICA

Sabe-se que a aprendizagem da docência e a construção dos saberes para trabalhar com o aluno incluído, podem acontecer de diferentes formas, além do estudo acadêmico, a experiência conta muito no desenrolar da formação profissional, logo o presente trabalho busca perceber os sentidos dados pelos estudantes de Licenciatura em Educação Física do Centro Acadêmico de Vitória no desafio de sua formação frente ao aluno com deficiência.

É sabido que o tema é amplo e há muito que se discutir, logo é de muita importância que os alunos identifiquem esses sentidos, o que a formação profissional estar trazendo de positividade ou não, a clareza com a qual as cadeiras foram apresentadas, neste caso, Linguagem Brasileira de sinais – Libras e Educação física escolar para pessoas com deficiências, que fazem parte da grade curricular do curso apresentado.

4 HIPÓTESES

Tendo a pesquisa avaliado os desafios que o futuro professor de Educação física hoje tem na sua formação, observando os sentidos que o tema inclusão para deficientes abordado durante a formação acadêmica trás para o aluno, a hipótese levantada para esta pesquisa é que há barreiras a serem quebradas e que apesar do tema ser tão amplo, ainda é muito fragmentado na universidade, onde, não há uma interação do tema com as outras cadeiras da grade curricular, apesar do tema ser vivenciado na prática em outras cadeiras como Handebol, Futebol, Basquetebol, Voleibol ainda assim é pouco vivenciado, pouco abordado, ou seja, é algo lembrado, mas não estudado, questionado, fazendo com que o tema seja algo restrito às cadeiras que assim o aborda.

Entretanto percebe-se uma contradição na formação acadêmica, onde a Educação física está diretamente interligada com o movimento humano, e essa formação meio que fragmentada pode sim resultar, e responder nas atitudes que esses alunos terão futuramente, não só na prática como teoria quando atuando estiverem, todavia essa fragmentação de conteúdo faz com que alguns sentidos sejam perdidos, o sentido principalmente de quando se refere ao quanto esse aluno está preparado para atuar frente ao público com deficiência, em que essas cadeiras os ajudaram, contribuíram em uma possível solução de problemas, ou na concretização dos objetivos futuros, se houve uma comoção diante do tema frente aos conteúdos apresentados.

O presente trabalho defende que a formação do professor de Educação Física precisa ter um caráter de continuação, interação em temas como a inclusão frente ao aluno com deficiência, que é tão importante e tem se tornado tão relevante.

Para Montoan (1997) a inclusão escolar implica o acompanhamento, aprimoramento e formação continuada dos professores para realizar propostas de ensino inclusivo, atendendo as exigências de uma sociedade, que não deve admitir preconceitos, discriminação, barreiras entre seres, povos, culturas.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 Educação Física: Cultura corporal de Movimento

A maneira como o ser humano se expressa é o reflexo de sua cultura e é válido considerar isso em cada ser humano, mais que considerar, respeitar.

Bracht (2005) realiza uma reflexão a respeito da seguinte questão: cultura corporal, cultura do movimento, ou cultura corporal de movimento? O autor afirma que qualquer um desses termos pode embasar uma nova construção do objeto da Educação Física, desde que seja colocado o peso maior sobre o conceito de cultura, necessário para a “desnaturalização” do nosso objeto, refletindo a sua contextualização social e histórica e redefinida a relação entre Educação Física, natureza e conhecimento.

A Educação Física encontra seu objeto de estudo no movimento humano e suas implicações para o ser humano. O foco de atenção é o estudo do ser humano como um indivíduo engajado em performances motoras requisitadas na vida diária e que vão proporcionar uma melhor qualidade de vida. (VERENGUER, 1992; TANI, 1988; OLIVEIRA, 1993). Se a Educação Física é a cultura corporal do movimento implica-se dizer que a Educação física vai além do movimento tecnicista, é preciso que a cultura do aluno em si seja considerada mediante vários fatores, muito além da cultura no caso da inclusão para deficientes é preciso respeitar as limitações.

A Educação física não pode está restrita ao movimento por si só, o movimento propriamente dito, a perfeição do movimento, é preciso considerar que algumas pessoas possuem deficiências e que mesmo com limitações é preciso estarem inclusas nas aulas assim como qualquer outro aluno, onde deve ter uma adaptação que se assemelhe as suas condições físicas e motoras.

Seria contraditório trabalhar inclusão em um curso onde o movimento perfeito fosse o que interessasse. Enxerga-se a Educação Física como uma matéria que requer o máximo de atenção para o físico principalmente, sem menosprezar as outras matérias, a Educação física buscará do aluno uma locomoção a mais, onde o professor precisará buscar formas de o incluir para que o aluno com deficiência se sinta ser participante ativo da sociedade.

Com isso o professor de Educação Física assume uma função especial, pela proximidade, pelo espaço e pela interação direta que tem com os alunos; ele tem a possibilidade de desenvolver um olhar diferente sobre o processo de ensino-aprendizagem, garantindo que todos os alunos participem plenamente na sociedade e que tenha igualdade de oportunidades (SANTOS, 2003).

Culturalmente, a formação pedagógica do professor de Educação Física vem sendo colocada em plano secundário, prevalecendo os conteúdos das disciplinas de cunho técnico- desportivo, corporal e biológico, em detrimento das disciplinas pedagógicas (SILVA, 1993).

Para Santos e Paulino (2004) a inclusão abrange três dimensões que interagem dinamicamente e que se influenciam reciprocamente da construção de culturas de inclusão, a dimensão do desenvolvimento de políticas de inclusão e a dimensão da orquestração das práticas de inclusão. A primeira se refere à construção de valores inclusivos que favoreçam a compreensão e o respeito às diferenças; a segunda é ao pensar sobre esses valores e planejar ações que possibilitam a participação efetiva de todos nas diferentes áreas da vida humana; a terceira se refere à orquestração das práticas de inclusão e está ligada ao fazer a inclusão. Com tudo isso citado a cima estamos levando como cenário as aulas de Educação Física na escola uma construção de valores éticos, estéticos, políticos e filosóficos.

Na escola, portanto, quem deve determinar o caráter de cada dinâmica coletiva é o professor, a fim de viabilizar a inclusão de todos os alunos. "Esse é um dos aspectos que diferencia a prática corporal dentro e fora da escola" (BRASIL, 1997, p. 30).

Segundo Ferreira (2006, p. 91) "a década de 1990 trouxe um novo conjunto amplo de reformas estruturais e educacionais, inspiradas e encaminhadas por organismos internacionais e caracterizadas pelo discurso da Educação para Todos". Como resultado desse movimento mundial, a Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994) surge como marco e início da caminhada para a Educação Inclusiva, surge no cenário educacional brasileiro como um dos documentos referenciais no processo de reflexões, discussões e adoção de políticas públicas de apoio à inclusão das pessoas com deficiência nas escolas comuns, "assegurando que a educação de pessoas com deficiências seja parte integrante do sistema educacional. Notando com satisfação um incremento no envolvimento de governos, grupos de advocacia, comunidades e pais, e em particular de organizações de pessoas com deficiências,

na busca pela melhoria do acesso à educação para a maioria daqueles cujas necessidades especiais ainda se encontram desprovidas; e reconhecendo como evidência para tal envolvimento a participação ativa do alto nível de representantes e de vários governos, agências especializadas, e organizações intergovernamentais.

A educação inclusiva começou a ganhar força a partir da Declaração de Salamanca (1994), a partir da aprovação da constituição de 1988 e da LDB 1996. Assim, ao final da década, após a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), vive-se no Brasil um momento de ampliação da presença de alunos com necessidades especiais nos diferentes espaços escolares. Daí em diante, o paradigma da inclusão vem ao longo dos anos se consolidando, ou seja, buscando instituir nos ambientes educacionais a não exclusão escolar dos deficientes, através de ações que garantam o acesso e permanência do aluno com deficiência no ensino regular. No entanto, o paradigma da segregação é intenso e, ainda, enraizado em muitas escolas.

5.2. Educação Inclusiva Escolar

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948) Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional dever ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito.

A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz.

Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o gênero de educação a dar aos filhos.

De acordo com Ambrosetti (1999, p. 92), “trabalhar com a diversidade não é, portanto, ignorar as diferenças ou impedir o exercício da individualidade”. Pelo contrário, esse trabalho envolve o favorecimento do diálogo. Neste sentido, constitui

imperativo “dar espaço para a expressão de cada um e para a participação de todos na construção de um coletivo apoiado no conhecimento mútuo, na cooperação e na solidariedade”.

Tendo em vista que toda pessoa possui suas limitações vários fatores precisam ser analisados, quando se fala de aluno do aluno com deficiência principalmente. O aluno com deficiência precisa ter suas limitações respeitadas, ter algum tipo de deficiência não significa que o aluno não vai conseguir aprender, há um processo por trás de toda ou qualquer aprendizagem o qual é a soma das capacidades físicas, motoras, intelectuais do aluno, fatores, étnicos, raciais, culturais precisam ser levados em conta.

As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é condição imprescindível para se entender como aprendemos e como compreendemos o mundo e a nós mesmos. E a escola tem papel fundamental nessa concepção de como enxergamos as coisas, as pessoas, a sociedade na qual estamos inseridos. (MANTOAN, 2003).

Não é diferente com a inclusão, é preciso que ajam cada vez mais políticas educacionais onde os alunos estejam sempre em interação um com o outro independente da sua deficiência ou não, é preciso que ajam atividades, situações em que o aluno com deficiência e o aluno sem deficiência estejam inseridos no mesmo contexto escolar, no mesmo momento. Sabe-se que nenhum nasce preconceituoso, ou com receio de outro ser humano, quem cria o preconceito, a não aceitação na cabeça do ser humano é na maioria das vezes a sociedade, logo, a escola tem papel fundamental de fazer essa união, criando propostas para que as diferenças sejam minimizadas, despercebidas, fazendo com todos convivam no mesmo espaço em harmonia, não deixando que as limitações de nenhuma pessoa venham se sobressair.

Neste sentido, a luta pela aceitação a diversidade e inclusão escolar vem cobrar do discurso educativo respostas pedagógicas na educação, com o intuito de incentivar uma escola que integre as diferenças, respeitando o conhecimento intercultural, de modo a gerar uma “sociedade pluralista, democrática e socializante” (RENDO; VEGA, 2009, p 421).

É de grande importância que haja uma interação do aluno, professor, comunidade para um melhor resultado da inclusão do aluno com deficiência, onde todos trabalhem juntos para bater as metas e objetivos propostos diante desse tema

que é tão desafiador. O professor neste caso é peça chave dessa alfabetização e obtenção dos resultados. Para que o processo de inclusão ocorra, há necessidade da existência de uma coerência entre a maneira de ser e de ensinar do professor, além da sensibilidade à diversidade da classe e da crença de que há um potencial a explorar.

A educação inclusiva gera efeitos benéficos a todos os estudantes, não apenas àqueles que têm alguma deficiência. Além de promover ganhos na socialização e no desenvolvimento emocional de todos, ela favorece o desenvolvimento cognitivo de crianças e jovens com deficiência. Em certos contextos, o convívio favorece também o desenvolvimento intelectual e sócio emocional dos alunos sem deficiência.

5.3. Os desafios do Professor de Educação física na formação acadêmica frente ao Processo de inclusão

O caminho parece estar na elaboração de programas de formação continuada específicos ao tema inclusão. A implementação desse tipo de programa tem, a cada dia, mais destaque, ao passo que pode aprimorar o instrumental do professor de Educação Física para elaborar respostas às provocações lançadas pela proposta da inclusão escolar (CRUZ, 2008).

Segundo Porto (2001) os indivíduos em seu processo de formação – desde a educação infantil, a partir do momento em que trabalhamos –, podem incorporar hábitos atitudinais de respeito e aceitação pela diferença pessoal e coletiva. E isso acontece também na formação acadêmica, onde os professores procuram reavaliar suas estratégias de ensino e aprendizagem.

Bruno (2007) descreve que a formação de educadores para o atendimento educacional especializado esteve ligada aos cursos de formação do magistério em nível secundário.

As dificuldades se iniciam pelo duplo sentido que a Educação física pode assumir em relação à inclusão: contribuir ou ser um empecilho (RODRIGUES, 2006). Por um lado, a literatura apontou como pontos positivos: 1) flexibilidade dos conteúdos; 2) atitudes positivas dos professores ao permitirem a participação de alunos que evidenciam dificuldades; 3) vantagem em relação às outras disciplinas

porque procura compreender as deficiências e como adaptá-las; 4) área que lida o tempo todo com a diferença das pessoas (CRUZ, 2008; RODRIGUES, 2006).

Por outro lado, destacou-se como negativo: 1) o contexto e conteúdo da Educação Física que a caracterizam como a mais difícil de incluir dentre as outras disciplinas; 2) muitas aparências, por exemplo, o professor ser visto como o mais favorável à inclusão e a área mais inclusiva (CRUZ, 2008; MORLEY *et al.*, 2005). Atrelado a esses fatores, têm-se os relatos de “despreparo profissional” advindo de uma formação acadêmica “frágil” em virtude da falta de contato com pessoas com deficiência; o não oferecimento da disciplina Educação Física Adaptada e o debate sobre inclusão em uma única disciplina (BRITO; LIMA, 2012; FIORINI, 2011; CRUZ, 2008; FALKENBACH *et al.*, 2008).

As pesquisas indicaram que as dificuldades para incluir poderiam estar além das condições de trabalho, mais exatamente na indisponibilidade de parte dos docentes em aceitar mudanças, refletir e modificar sua conduta, assim como, o desinteresse em estudar e dialogar com os pares acerca de possibilidades e novas ideias (FALKENBACH; LOPES, 2010). A insegurança dos professores de Educação Física também pode ser um fator que dificulta a inclusão do aluno com deficiência (FIORINI, 2011).

A educação inclusiva pressupõe a participação coletiva na decisão das questões da sala de aula e da instituição escolar bem como a necessária flexibilidade na utilização dos recursos institucionais, humanos e materiais. A possibilidade de o professor poder contar com o apoio dos colegas e de outros profissionais, de repensar a estratégia de aula, de rever o plano de ensino e de contar com a participação dos alunos e sua contribuição na resolução das questões específicas que se apresentarem é de importância fundamental numa proposta educacional voltada para a inclusão. Mesmo considerando a especificidade das disciplinas, pode-se partir do pressuposto que todos os professores necessitam de um apoio institucional para realizar tais flexibilizações e mudanças, e, nesse sentido, é fundamental que os objetivos ligados a cada curso nas IES estejam claros a todos aqueles que participam do seu desenvolvimento (DIAS, 2007; CLAIRE, 2007). É de grande importância que haja uma interação do aluno, professor, comunidade, governo, para um melhor resultado da inclusão do aluno com deficiência, onde todos trabalhem juntos para bater as metas e objetivos propostos diante da inclusão do aluno com deficiência. O professor neste caso é peça chave dessa alfabetização e

obtenção dos resultados. Para que o processo de inclusão ocorra, há necessidade da existência de uma coerência entre a maneira de ser e de ensinar do professor, além da sensibilidade à diversidade da classe e da crença de que há um potencial a explorar. A predisposição dos professores em relação à integração dos alunos com problemas de aprendizagem, especialmente se estes problemas forem graves e tenham caráter permanente, é um fator extremamente condicionante dos resultados obtidos. Por isso, uma atitude positiva já constitui um primeiro passo importante, que facilita a educação destes alunos na escola integradora. (VITTA; MONTEIRO; VITTA, 2010, p. 425).

Como observa-se, a aceitação da prática inclusiva, por parte do docente, é fator determinante no desenvolvimento de toda potencialidade do aluno com necessidades educacionais especiais. Nesta mesma linha de raciocínio, Barbosa e Gomes (2006) apresentam outras considerações igualmente importantes, a respeito da prática docente inclusiva eficiente junto a alunos com deficiência, ao afirmarem que:

[...] Enquanto os docentes não modificarem e redimensionarem sua prática profissional para ações mais igualitárias, isto é, não se posicionarem efetivamente como responsáveis pelo ato de educar também alunos com necessidades educacionais especiais, o professor terá diante de si um obstáculo e não um estímulo para aproveitar todas as oportunidades de formação permanente. (BARBOSA; GOMES, 2006 p.8).

A necessidade de formação dos professores para educação inclusiva e a falta de preparo para assumir a responsabilidade de promover a aprendizagem e participação de alunos com necessidade educacionais especiais, já foi estudada por diversos autores.

Briant e Oliver (2012) constataram as dificuldades e falta de preparo dos professores para promover a aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais e enfatizaram a necessidade da formação continuada para atender à diversidade das experiências e demandas dos estudantes em sala de aula. Na prática, encontramos ainda professores despreparados para essa realidade e com 424 falta de uma rede de apoio para desenvolver o seu trabalho com qualidade.

Segundo Mendes (2004), considerar a formação dos professores é um caminho importante para a construção de uma escola aberta à diversidade educacional e inclusiva. Assim, compreende-se que “uma política de formação de

professores é um dos pilares para a construção da inclusão escolar, pois a mudança requer um potencial instalado, em termos de recursos humanos, em condições de trabalho para que possa ser posta em prática”.

Mazzota (1993) debatendo a questão da capacitação do professor para a prática inclusiva e educação para a diversidade, chama a atenção para a questão da formação universitária do professor. Em sua visão, os vários anos que o aluno de pedagogia e/ou outro área da educação passa em seu período de formação não é suficiente para habilitá-lo para trabalhar eficientemente na prática educacional inclusiva. Além de formação básica, o aluno necessitará dominar outras habilidades.

Em quatro anos os professores não são totalmente preparados. Somente a preparação básica pode ser obtida em tão pouco tempo (...). A eficácia dos programas para os deficientes mentais educáveis pode estar mais relacionada às características pessoais, flexibilidade e criatividade do professor do que a um método específico de ensino. (MAZZOTA, 1993 p. 49).

O professor é pessoa e uma parte importante da pessoa é o professor (NIAS, 1991, *apud* NÓVOA, 1992) Urge por isso (re) encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida (NÓVOA, 1992).

Para Tardif (2002) os professores atribuem importância significativa aos saberes construídos a partir de suas práticas, hábitos, interlocuções com outros professores etc. Estes saberes constituem em um conjunto de representações a partir das quais os professores direcionam sua prática docente e sua profissão. Não obstante, a prática cotidiana favorece a avaliação constante dos outros saberes (disciplinares, curriculares, pedagógicos) permitindo, assim, que se questione a sua validade e se eliminem aqueles que não apresentam contribuições à prática.

Entretanto Magalhães e Lima (2004) nos esclarece que a ideia é ampliar a compreensão sobre o professor de educação especial – esse desconhecido ao qual, frequentemente, o senso comum atribuiu uma 'aura mágica' proveniente da tendência de atrelar a educação especial ao assistencialismo, somando-se ao fato de a atuação profissional na área de educação especial ser confundida como uma 'missão de fé' que exigiria dedicação e amor, ficando relegadas a segundo plano as discussões sobre as competências profissionais dos docentes que optam por essa área.

5.4 Barreiras pedagógicas

Para Santana (2016) A luta travada para termos uma sociedade com maior justiça social, sem preconceito e sem discriminação, não é nova. Ela apenas vem se tornando, de algumas décadas para cá, uma bandeira dos movimentos sociais em defesa de uma sociedade inclusiva, o que faz inscrever tal problemática como um dos maiores desafios a serem enfrentados pelas instituições sociais e educativas neste milênio.

Na pauta das reivindicações do campo educativo, encontra-se subentendido que os direitos dos cidadãos são os mesmos. No entanto, as condições para exercê-los são demasiadamente desiguais, o que conduz à proposta de pensar políticas públicas de educação inclusiva para os estudantes com deficiência como uma arena complexa e desafiadora (SANTANA, 2016).

Assim, as políticas públicas devem adotar medidas efetivas por meio de planos e de programas nacionais e internacionais de médios e longos prazos, que sirvam como referência comum para a garantia, a proteção e o apoio aos direitos fundamentais, especialmente àqueles que, em um contexto histórico de profunda desigualdade, vivem uma situação de exclusão social (SANTANA, 2016). Políticas essas que defendem

[...] a construção de sistemas de ensino inclusivos com desenvolvimento de políticas públicas de democratização do acesso à educação, de gestão participativa, de formação de professores, de eliminação de barreiras pedagógicas, atitudinais, físicas e nas comunicações que possibilitem o acesso pleno ao currículo. (BRASIL, 2006, p. 9).

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivo geral

Analisar os sentidos incorporados pelos discentes do curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Acadêmico de Vitória em relação a inclusão do aluno com deficiência na sala de aula regular.

6.1 Objetivos específicos

- Identificar qual é a concepção de educação inclusiva dos estudantes do curso de educação física do CAV.
- Identificar estratégias pedagógicas pensadas pelos discentes de educação física para atuar frente aos alunos com deficiência.

7 METODOLOGIA

O método de pesquisa utilizado é o qualitativo, de campo. De acordo com Neves (1996, p.01) “a pesquisa qualitativa não busca enumerar ou medir eventos. Ela serve para obter dados descritivos que expressam os sentidos dos fenômenos”. O estudo foi desenvolvido a partir de:

1. Pesquisa de campo – feita com questionários formulados com questões abertas, de natureza exploratória. A aplicação dos questionários aconteceu, através de papel impresso e entregue a cada entrevistado. Os respondentes foram escolhidos de forma aleatória, mas respeitando os problemas e ideia da pesquisa, no caso, alunos concluintes do curso de Licenciatura em educação Física do Cav. A pesquisa, composta por questões exploratórias, foi aplicada em uma amostra de 12 pessoas.

7.1 Público alvo

O projeto procurou atuar diretamente nos alunos concluintes do Curso de Licenciatura de Educação Física do Centro Acadêmico de Vitória, indiretamente na sociedade (alunos com deficiência). Visando entender os sentidos dados no desafio de sua formação frente ao aluno com deficiência. A análise de dados após a aplicação do projeto contou com a participação direta nos questionários e observações um quantitativo de 12 alunos na faixa etária de 21 a 25 anos.

7. 2 Universo da pesquisa : O Centro Acadêmico de Vitória

Em funcionamento desde 21 de agosto de 2006, o Centro Acadêmico de Vitória (CAV), localizado na cidade de Vitória de Santo Antão, tem caráter multidisciplinar e está estruturado em cinco núcleos de conhecimento: Enfermagem, Nutrição, Licenciatura em Ciências Biológicas, Educação Física e Saúde Coletiva. O CAV é vinculado ao sistema de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal de Pernambuco.

Para chegar ao CAV, entrar na cidade de Vitória de Santo Antão e seguir até o Alto do Reservatório, próximo ao Zoológico e ao tiro de Guerra. O acesso é por

uma via lateral à margem da antiga BR232. O CAV está localizado em uma comunidade carente de Vitória de Santo Antão. Moradores tem acesso livre ao CAV, até por se tratar de uma Universidade Federal, onde a faculdade dispõe principalmente da biblioteca e da quadra poliesportiva para a comunidade, óbvio, sendo prioridade os alunos do Centro.

7.3 Aplicações dos questionários

A aplicação dos questionários com sete questões com três opções de respostas, aos alunos possibilitou uma oportunidade de expressarem os desafios de sua formação frente ao aluno com deficiência, já que o questionário refletia diretamente no tema deficiência e suas problemáticas, ao mesmo tempo que é um questionário exploratório se torna reflexivo, porque induz aos alunos a pensarem no que o tema trouxe para a sua formação e se realmente está preparado para trabalhar com alunos deficientes, se o curso respondeu “cadeiras abordadas que trabalharam o tema deficiência ou até a multidisciplinaridade proposta pela Universidade” responderam aos seus objetivos e indagações.

7.4 Análises de resultado

Ao aplicar os questionários percebi que os alunos ficaram confusos diante das perguntas, muitas vezes as perguntas sem respostas ou com respostas vagas, mesmo tendo vivenciado conteúdos referentes ao tema, vendo pelo lado positivo o questionário fez com que fizessem uma reflexão sobre sua formação.

7.5 Questionário aplicado

Questionário aplicado a doze alunos concluintes do curso de Licenciatura em educação Física do Centro Acadêmico de Vitória.

Tabela 1 - O que você entende sobre Educação Física Inclusiva?

Categorias	N.º de pessoas entrevistadas
Participação de todos os estudantes em uma mesma atividade	5
Propor atividades separadas para alunos com deficiência já que possuem distintas limitações.	0
Fazer com que todos se sintam iguais na sala de aula respeitando sempre suas limitações	7
TOTAL	12

Fonte: SILVA, R, M, 2018.

Observa-se que eles sabem o conceito básico do que é a inclusão, onde todos souberam responder sem dúvidas o que era inclusão.

Tabela 2- Você acha necessário separar os alunos com deficiência nas aulas de Educação física?

Categorias	N.º de pessoas entrevistadas
Sim, pois não possuem capacidades físicas ou intelectuais para participarem da mesma atividade.	1
Em algumas atividades sim.	3
Não, o professor precisa propor atividades que todos participem independente das diferenças físicas, tendo o deficiente suas limitações respeitadas.	9
TOTAL	12

Fonte: SILVA, R, M, 2018.

Observa-se que há uma confusão se é ou não para separar os alunos deficientes em algumas atividades, sendo que a maioria acredita que é possível inserir todos numa mesma atividade.

Tabela 3- Você acha que os recursos didáticos são diferentes na aula de Educação física para alunos com deficiência?

Categorias	N.º de pessoas entrevistadas
Depende do tipo de deficiência e limitação que o aluno possui.	4
Com certeza no caso, de deficiência visual e auditiva principalmente.	8
Não.	0
TOTAL	12

Fonte: SILVA, R, M, 2018.

Observa-se que a maioria dos entrevistados respondeu que os deficientes precisam sim de um ambiente físico, materiais que facilitem seu aprendizado nas aulas, tendo em vista que possuem algumas características limitadas.

Tabela 4 - Você que frequentou disciplinas que são voltadas para alunos com deficiência, você as achou necessárias para o curso de Educação física?

Categorias	N.º de pessoas entrevistadas
Com certeza, vai contar muito quando eu estiver atuando como professor diante desse público.	5
Não muito já que o tema foi pouco abordado na prática	4
Sim, as disciplinas acabaram com muitas dúvidas minhas, estou preparado(a)	3
TOTAL	12

Fonte: SILVA,R, M, 2018.

Observa-se que os alunos entrevistados reconhecem a importância do tema inclusão ser abordado durante a sua graduação.

Tabela 5- Você está preparado para trabalhar com aluno com deficiência na sala de aula regular?

Categorias	N.º de pessoas entrevistadas
Mais ou menos , tenho dúvidas de que atividades propor para que todos os alunos participem, incluindo os com deficiência.	5
Não.	3
Sim, aproveitei todas as disciplinas da melhor forma possível e estou saindo preparado da faculdade.	4
TOTAL	12

Fonte: SILVA, R,M, 2018

Observa-se que a maior dificuldade do aluno é em que atividades propor para os alunos com deficientes se sintam incluídos.

Tabela 6- Durante a sua formação para Professor de Educação física você está se estruturando pedagogicamente para atuar com o aluno com deficiência?

Categorias	N.º de pessoas entrevistadas
Sim, eu sei que terei alunos com deficiência preciso estar preparado (a)	8
Ainda não	4
TOTAL	12

Fonte: SILVA, R, M, 2018.

No total os alunos tem consciência que darão aula há alunos com deficiência no ensino regulas e de alguma forma se preparam para isso.

A atenção do profissional de Educação Física pelo trabalho com pessoas com necessidades especiais é relativamente nova, há tempos esses alunos eram liberados das aulas, eram encaminhados à biblioteca da escola, ou algo parecido, faziam pesquisas, ou até mesmo não faziam nada, e isso para eles eram as aulas de Educação Física, longe das práticas de esportes e de atividades físicas. Uma série de acontecimentos espelha e vem produzindo uma mudança gradativa na maneira de encarar a tratar a pessoa com necessidade especial, para o qual a atividade física pode significar melhores condições de vida e maior inserção social. Para que se possa chegar a essa situação, é necessário que haja espaços físicos sem barreiras arquitetônicas, conhecimento das técnicas de orientação, da língua dos surdos e, principalmente, respeito à individualidade presente entre as pessoas (DIEHL, 2006).

Tabela 7- Você tem exemplos de adaptação de atividades de Educação física voltadas para alunos com deficiência?

Categorias	N.º de pessoas entrevistadas
Sim	12
Não.	0
TOTAL	12

Fonte: SILVA,R,M,2018.

Em sua totalidade os entrevistados responderam, sim. Tendo em vista que as aulas que tratavam o tema inclusão, cobravam deles de alguma forma, propostas de novas atividades que incluíssem o aluno com deficiência.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se com a realização desde projeto um panorama da relação da formação acadêmica do aluno conluente com o futuro profissional que esse aluno será, onde o mesmo colocará em prática todos os sentidos compreendidos, assimilados durante todo o seu processo de formação acadêmica, tendo como foco principal a inclusão de alunos com deficiência no ensino regular.

É de muita importância que esses sentidos venham estar esclarecidos em cada aluno após a sua formação, tendo em vista que a Educação física inclusiva é algo desafiador fez-se necessário inquietar os alunos e futuros professores a pensar em todos esses sentidos, se a sua formação conseguiu responder as perguntas, indagações que o tema inclusão traz.

Percebi que os alunos do Centro Acadêmico de Vitória sabem basicamente do que se trata a inclusão, mas não veem isso como algo tão desafiador, não há uma preocupação particular. Há sim muitas dúvidas de como procederão na prática para que essa inclusão não se torne exclusão, já que a Educação física como as outras matérias possui suas particularidades, e neste caso, a Educação física esta diretamente ligada a cultura corporal do movimento humano. O que torna a disciplina mais desafiadora.

Percebe-se que há sim uma preocupação por parte dos professores de cadeiras práticas como: handebol, basquete, futebol, vôlei, em incorporar o tema inclusão para alunos com deficiência durante as aulas, práticas principalmente, sendo que normalmente essa abordagem era feita através de seminários, onde os próprios discentes tinham que ir atrás de informações sobre a inclusão e interligar ao esporte que teria que apresentar na aula para o restante dos alunos. Observando essas intervenções pude perceber que a dificuldade é principalmente em propor as atividades que não exclua ninguém independente da sua limitação, logo, a maioria das atividades apresentadas era meio que uma adaptação dos que não era deficientes aos que eram deficientes “o vôlei sentado por exemplo”.

Todavia nas disciplinas que abordavam diretamente o tema inclusão, como, Libras e Educação física escolar para deficientes, não mudou muito as atitudes dos alunos durante a exposição do conteúdo, do que conseguiam assimilar, logicamente

os professores afunilaram o conteúdo trazendo a tona os desafios que teriam que ser alcançado, metas a serem batidas.

Projetos como este, procura inquietar os discentes e futuros professores de Educação física a entender os sentidos do tema inclusão, e as possibilidades de um novo modelo de inclusão.

REFERÊNCIAS

- AMBROSETTI, N.B. O “Eu” e o “Nós”: **trabalhando com a diversidade em sala de aula**. In: **Pedagogias das diferenças na sala de aula**. (org.). São Paulo. Editora Papyrus, 1999.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NRB 9050**: acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508200/CF88_EC85.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2011.
- BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte**. Unijuí, 2005.
- BRITO, R. F. A.; LIMA, J. F. **Desafios encontrados pelos professores de educação física no trabalho com alunos com deficiência**. Corpo, movimento e saúde, Salvador, v.2, n.1, p.1-12, 2012.
- BRUNO, M. M. G.. **Educação inclusiva: componentes da formação de educadores**. Benjamin Constant, ano 13, v. 48, 2007.
- CARDOSO, M. C. F. Integração Educacional e Comunitária. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Campinas, v. 1, p. 89-100, 1992.
- CRUZ, G. **Formação continuada de professores de educação física em ambiente escolar inclusivo**, Campinas, 2008.
- DIAS, M, L; CLAIRE, M,S. **Educação inclusiva no ensino superior: um novo desafio**. Instituto de Psicologia. Brasília, 2007.
- EDUCAÇÃO inclusiva é positiva para todos. **Aprendizagem em foco**, Rio de Janeiro, n. 24, p.1-4, fev. 2017. Disponível em: <<http://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/24/>>. Acesso em: 28 fev. 2017.
- FALKENBACH, A. P.; LOPES, E. R. Professores de Educação Física diante da inclusão de alunos com deficiência visual. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.13, n.3, p.118, 2010.
- FERREIRA, S. L. Ingresso, permanência e competência: uma realidade possível para universitários com necessidades especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 13, n. 1, p. 417-430, 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 148 p.

FIORINI, M. L. S. **Concepção do professor de Educação Física sobre a inclusão do aluno com deficiência**. 2011. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2011.

GONÇALVES, W.; GONÇALVES, V. M. F.; FIRME, L. P. Formação e capacitação de docentes para atuar com alunos com deficiência auditiva: um estudo no Instituto Federal do Espírito Santo – IFES. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 93, p.866-889, dez. 2016.

MANTOAN, M. T. (Org.) **Caminhos pedagógicos da inclusão**. São Paulo: Memnon, 2001.

MANTOAN, M. T. (Org.) **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 003.

MANZINI, E. F. Quais as expectativas com relação à inclusão escolar do ponto de vista do educador? **Temas sobre desenvolvimento**, São Paulo v. 7, n. 42, p. 52-54, 1999.

MAZZOTTA, M. J. S. **Liberando a mente**. Campinas: Raboni, 1982.

MENDES, E.G. **Diretrizes e desafios na formação inicial e continuada de professores para a inclusão escolar**. São Paulo, p 227, 2004.

MORLEY, D. et al. **Inclusive physical education: teachers' views of including pupils with special educational needs and/or disabilities in physical education**. *European Physical Education Review*, v. 1, n.1, p.84-107, 2005.

MRECH, L. M. Os desafios da Educação Especial, o Plano Nacional de Educação e a Universidade Brasileira. **Revista Brasileira de Educação Especial**, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 127-146, set. 1997.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris: ONU, 1948. Disponível em: <<http://www.un.org/en/universal-declaration-human-rights/>>. Acesso em: 2018

OLIVEIRA, W. **Educação Física e o Ensino de Primeiro Grau**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

PELLEGRINI, A.M. A Formação Profissional em Educação Física. In PASSOS, Solange C.E. (org.). **Educação Física e Esportes na Universidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desporto, 1988.

PORTO, E. T. R.. Educação em qualidade para vidas especiais: um caminho a conquistar. In: MOREIRA, W.W. (Org.). **Qualidade de vida: complexidade e educação**. Campinas: Papirus, 2001.

RENDON, A. D.; VEGA, V. **Una escuela en y para la diversidad: el entramado de la diversidad**. 1. ed. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 2009

RODRIGUES, D. (Org.). **Educação e diferença**. Porto: Porto, 2001.

RODRIGUES, D. A caminho de uma educação inclusiva: uma agenda possível. **Rev. Inclusão**, Brasília v. 1, n. 1, p. 1-12, 2000.

ROGALSKI, S. M. Histórico do surgimento da educação especial. **Revista de Educação do Ideau**, Quatro Irmãos - RS, v. 5, n. 12, p.1-13, 2010.

SANTANA, M, Z. **Políticas Públicas de Educação inclusivas voltadas para estudante com deficiência: o caso da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)**. 2016. 241 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SANTOS, Mônica P. dos. O papel do ensino superior na proposta de uma educação inclusiva. **Revista da Faculdade de Educação da UFF**, Rio de Janeiro, n. 7, p.78-91, maio 2003.

SILVA, S. B. **Análise das relações existentes na legislação que orienta a formação profissional dos especialistas em Educação Física e Desportos e os planos nas áreas educacional e desportiva no Brasil**. 1993. (Dissertação de Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TANI, G. **Pesquisa e Pós Graduação em Educação Física**. In PASSOS, Solange C.E.(org.)Educação Física e Esportes na Universidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Física e Desporto- 429p,1988.

VITTA, A; MONTEIRO, A; VITTA, F. Percepção de professores de educação infantil sobre a inclusão da criança com deficiência. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.16, n.3, p.415-428, Set.-Dez., 2010..

VERENGUER, R.C.G. Bacharelado e Licenciatura: o caso da Educação Física” **Jorn.Univ.São Judas Tadeu**, São Paulo, v. 2, n. 11, 1992.

UNESCO. **Declaração de Nova Dehli sobre Educação para Todos**. Nova Dehli: UNESCO, 1993.

UNESCO. **Declaração de Salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Salamanca-Espanha: UNESCO, 1994.